



**Imersão em História e Filosofia do ensino na cidade de Goiás: o ontem que não se
esquece**

**Inmersión en la historia y la filosofía de la educación en la ciudad de Goiás: El
ayer olvidado**

João Batista Ângelo¹

<https://orcid.org/0009-0009-8691-2302>

Priscila Pires Corrêa Neves²

<https://orcid.org/0009-0004-1074-8634>

Welson Barbosa Santos³

<https://orcid.org/0000-0003-2695-389X>

Data de submissão: 27/04/2026

Data de aceite: 22/05/2026

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência decorrente de uma imersão pedagógica de quatro dias na Cidade de Goiás-GO, realizada no âmbito da disciplina de História e Filosofia do Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que compõe o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. O objetivo foi refletir sobre como o contato direto com o patrimônio histórico e os saberes locais influenciam a formação do professor em nível de mestrado. A narrativa transita entre o encantamento arquitetônico e a percepção crítica das marcas de exploração, violência e silenciamento de povos originários e escravizados que moldaram a região, do mesmo modo como tratam-se de saberes atravessados pela ciência. Por meio de visitas a locais, como a Casa de Cora Coralina, e rodas de conversa com figuras locais, como Dona Didi e Dona Maria Luiza, o relato discute a importância de uma educação mais humanizada e sensível às complexidades sociais. Conclui-se que a desconstrução de uma

¹ Faculdade Telos-Fatelos. Especialização em Ensino Médio, Técnico e Superior, FATELOS.
joaodiarioederlindo@gmail.com

² Universidade Federal de Uberlândia. Arquiteta e urbanista pela Pontifícia Católica de Goiás (PUC-GO), Especialista em docência do Ensino Superior e Mestre pela Universidade Federal de Uberlândia, UFU.
priscilapires.artes@gmail.com

³ Universidade Federal de Uberlândia. Professor da Universidade Federal de Uberlândia e Doutor em Educação pela UFSCar e pós-doutor pela UNESP. welson.santos@ufu.br





"consciência seletiva" sobre o passado é fundamental para a construção de um novo pensamento político e pedagógico no ensino de ciências e matemática.

Palavras-chave: ensino de ciências e matemática. relato de experiência. cidade de goiás. saberes locais. formação docente.

Resumen

Este artículo presenta un relato de una experiencia de inmersión pedagógica de cuatro días en la ciudad de Goiás-GO, realizada en el marco del curso de Historia y Filosofía de la Didáctica de las Ciencias y las Matemáticas de la Universidad Federal de Uberlândia (UFU), que forma parte del Programa de Posgrado en Didáctica de las Ciencias y las Matemáticas. El objetivo fue reflexionar sobre cómo el contacto directo con el patrimonio histórico y el saber local influye en la formación docente a nivel de maestría. La narración transita entre el encanto arquitectónico y una percepción crítica de las huellas de explotación, violencia y silenciamiento de los pueblos indígenas y esclavizados que moldearon la región, así como la manera en que estas son formas de conocimiento que la ciencia atraviesa. A través de visitas a lugares como la Casa Cora Coralina y conversaciones con figuras locales como Doña Didi y Doña María Luiza, el relato aborda la importancia de una educación más humanizada y sensible a las complejidades sociales. Se concluye que la deconstrucción de una «conciencia selectiva» sobre el pasado es fundamental para la construcción de un nuevo pensamiento político y pedagógico en la enseñanza de ciencias y matemáticas.

Palabras clave: enseñanza de ciencias y matemáticas. informe de experiencia. ciudad de goiás. conocimiento local. formación docente.

Introdução

Desafiados a ler Raimundo Faoro (1994), a partir de sua obra “Existe um pensamento político brasileiro?”, observam-se duas proposições centrais do pensamento político nacional. Caso haja um pensamento político brasileiro, pressupõe-se a existência de um quadro cultural autônomo, moldado por uma realidade social capaz de produzi-lo ou de nele se refletir.

Sendo assim, cabe a reflexão: seríamos nós mera imitação, cópia de uma importação de paradigmas e modelos culturais? A primeira proposição é do pensamento



político, enquanto campo de ideologia e de filosofia política, compreendida aqui a partir de uma experiência histórica e cultural.

Assim, parto nesta escrita de experiência de uma reflexão sobre o conhecer e o saber, compreendendo o pensamento como um ato contínuo: uma atividade que se volta ao objeto na tentativa de apreendê-lo. Dito isso, esta narrativa se constrói diante de pessoas e contextos que revelam a historicidade do meu país e de suas vielas — outrora ricas em ouro, hoje abundantes em histórias.

Portanto, pode-se afirmar que o pensamento político não é redutível à filosofia política, à ciência política ou à ideologia, estando ligada à historicidade de um povo. Pode haver, e frequentemente há, um pensamento político que não se confunde com ideologia, nem com ciência ou filosofia política.

Ainda assim, esse pensamento costuma se expressar, através dessas manifestações: como ideologia, filosofia ou ciência política. Ele possui, entretanto, autonomia, e os sujeitos desse processo sabem, e podem, muito nos ensinar. A Cidade de Goiás nos desmistifica algo dessa aventura, em sua gente e em seus casarios coloniais.

É isso que será despertado aqui: caracterizar a estrutura desse pensamento em sua dimensão atuante e autônoma, concomitantemente com a essência dos sentimentos que esse lugar suscitou.

REFLEXÕES INICIAIS E CONTEXTO HISTÓRICO

Neste relato, tentarei expressar quatro dias de uma imersão proporcionada pela equipe da disciplina de História e Filosofia do Ensino de Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Uberlândia na figura do professor Dr. Welson Barbosa dos Santos (UFU), Dr. Marcos Barros (UFPE) e Dr.^a Mariângela Castejon (IFTM). Foi nesta disciplina do curso de mestrado em ensino de ciências e matemática da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que surgiu a oportunidade de conhecer a Cidade de Goiás, às vezes conhecida como Goiás Velho, terra de Cora Coralina, de muitas belezas arquitetônicas e referência como marco histórico do ciclo do ouro no Brasil colonial.

Figura 1 - Casa de Cora Coralina: um marco da cidade



Fonte: Autoria própria, 2025.

A proposta da disciplina nos levou a refletir questões importantes do nosso tempo. Diante da lógica do “tudo é para ontem”, acabamos por esquecer o ontem. Não se trata de um esquecimento pleno e satisfatório, a ponto de nos deixar “felizes à maneira Poliana”, mas de um esquecimento seletivo e conveniente que, se não nos faz felizes, pelo menos acalma nossa consciência.

Assim, foi com tristeza que percebi a dor, o ataque e a agressão presentes ao longo de séculos de exploração e violência sofridas por um povo, por uma cultura, por uma localidade. Na vivência, ao observar aqueles prédios históricos, havia ali, agora, muito mais do que uma cidade colonial.

Ressalto, ainda, que cidades históricas sempre me encantaram pela beleza e na Cidade de Goiás não foi diferente. No entanto, ao longo de uma semana, o encantamento foi dando lugar a outros sentimentos, até então não experimentados.

Saberes locais e históricos trouxeram à tona afetos adormecidos da rotina diária e pelas falácias do desenvolvimento. O sentimento condensou-se numa desconfortante tristeza, pois compreender que, os sofrimentos, em suas múltiplas faces ali presentes, pertencem àqueles que já se foram e, em grande parte, ainda não têm voz, numa sociedade que já atravessava 500 (quinhentos) anos.



Figura 2 - Comércio local



Fonte: Autoria própria, 2025.

A redução do pensamento político à filosofia política conduz à desfiguração dos contextos históricos e à conversão da História em mera história das ideias, conforme nos elucida Faoro (1994). Para o autor, é nesse movimento que se desenha um determinado modo de pensar p político, o social e econômico no Brasil.

Percebi que foi, em grande parte, nessa estrutura de pensar que se construiu a história daquela cidade, daquela região e nos primórdios do próprio país. Tal qual como ocorrera na França pré-Napoleônica e na Rússia pré-Marxista, as leis não traduziam o processo da vida real. Ali estava o meu país, o Brasil colônia.

No entanto, em meio a um pensamento político caótico que se espalhava pelos espaços ocupados por mineiros, colonos e bandeirantes, criou-se um universo próprio, marcado pela exploração da terra, de suas riquezas e dos povos nativos ou trazidos da África.



Sabe-se que os povos originários, por habitarem territórios historicamente ocupados por eles e por possuírem uma dinâmica de vida muito distinta daquela dos invasores, tornaram-se alvo de conquista, dominação e interesses múltiplos.

Além disso, como lidavam de maneira diversa com o que os europeus consideravam “riqueza a ser expropriada”, os massacres foram justificados em nome de um rei do além-mar e de um Deus para eles desconhecido.

Nos acampamentos, aldeias e casebres, circulavam justificativas e desconfianças diante dessa nova ordem de vida, na qual o estrangeiro assumia para si o controle da vida e das riquezas. Isso a gente consegue sentir ao estar e gastar um tempo em locais como Goiás Velho.

Figura 3 - Olaria da Didi



Fonte – Autoria própria, 2025.

Convém lembrar que o que mais possibilitou a chegada e a permanência dos exploradores nessas regiões foi o trabalho forçado de pessoas sequestradas do continente africano, aliado ao conhecimento dos territórios por parte de nativos locais, frequentemente utilizados como guias.

Assim, na experiência da disciplina, pelo que pudemos ver nos arredores da cidade, os descendentes desses grupos ainda pagam o preço da exploração e da ganância daqueles de outros tempos. A eles faltou, e numa grande proporção, ainda falta quase tudo.

Um sentimento pessoal que pude experienciar como, de maneira socialmente sutil, é possível fingir que não vemos a dor, a angústia, a miséria, a fome e o desprezo social e econômico de um tempo que atravessa o tempo.

A alguns cabe o entendimento dessa realidade e a luta constante contra um sistema que faz da negação um meio de manter as vantagens de poucos à custa do sofrimento e das perdas de muitos.



Figura 4 - Roda de conversa com Dona Didi



Fonte – Autoria própria, 2025.



A VIVÊNCIA EM GRUPO E O APRENDIZADO

O período em que estivemos juntos na Cidade de Goiás, certamente, não teria sido o mesmo, ou nem teria os mesmos efeitos, sem a aula inicial na universidade, um espaço que se revelou amplo em acolhimento e preparação para uma nova forma de construir conhecimento.

Em nosso último e mais logo encontro, enfim, seguimos pela estrada e chegamos à Cidade de Goiás. O que se despertou, nesse caminho, foi o rever valores e conceitos para o grupo. O que houve foi a transformação de nossas percepções e os aprendizados moldados pelas convicções e experiências de vida que cada um carregava. Em cada cabeça e em cada coração, sentimentos e emoções bem particulares revelaram seres humanos sensíveis, atravessados por alegrias e dores que forjaram suas consciências e seus modos de ser. Pessoalmente, o conjunto de experiências que me levou até lá me possibilitou relatar tudo o que vi da forma que vi: belezas arquitetônicas de um lado e, de outro, a tenacidade de sua gente que, para não sucumbir, segue em busca da se encontrar e de ocupar seu lugar.

Figura 5 - Lavanderia coletiva do Quilombo Alto de Santana



Fonte – Autoria própria, 2025.



Considerações finais

Deixo ao tempo a tarefa de construir em mim a transformação iniciada nesses dias: a transição para um professor mais atento, humano e consciente das marcas históricas que moldam a sociedade. Foi esse o propósito que me levou a ingressar no mestrado.

Ao grupo e a todos que compartilharam desses quatro dias eternos e intensos, fica a certeza de que durante o processo, nos desconstruímos para que, ao final, pudéssemos nos reconstruir com mais autenticidade. Saímos da Cidade de Goiás melhores que chegamos, cientes de que o aprendizado sobre o “ontem” é o que nos permite transformar o hoje.

As ideias e as reflexões proporcionadas pela experiência seguem reverberando e que continuem a nos atravessar e a transformar nossa prática pedagógica, pois este processo não admite um ponto final.

Referências

FAORO, Raymundo. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo: Ática, 1994.